

Cenários educomunicativos

Adilson Citelli

Professor titular no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Ministra cursos de graduação junto ao referido departamento e de pós-graduação no programa de Ciências da Comunicação (PPGCOM-USP). Pesquisador IC, do CNPq. É autor de inúmeros livros e artigos voltados aos campos da comunicação, da linguagem e da Educomunicação.

E-mail: citelli@uol.com.br

O exame do conjunto de artigos que compõem este número da revista aponta para questões orientadas, sob larga visagem, pelas intersecções entre comunicação, educação e cultura. Os três termos, complexos em sua própria origem, pelo que envolvem de perspectivas, procedimentos, inteligibilidades, acabam sendo carregados para os ambientes institucionais das salas de aula, ou para agências comprometidas com as questões formativas processadas em espaços não formais escolares. Isso implica reconhecer que estamos frente a circunstâncias educativas desafiadas não apenas por andamentos propedêuticos, mas também por ambiências comunicativas que singularizam os mecanismos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação. No centro desse cenário os mediadores tecnológicos jogam papel importante no afeito à constituição de novos parâmetros culturais e, certamente, de sociabilidades.

A constatação de que existe certo quadro sócio-histórico regendo a vida contemporânea pode funcionar como rima, mas fica longe de apontar soluções, haja vista a intensidade dos fatores envolvidos nos vínculos entre culturas midiática/digitais e processos educativos. Conquanto não seja o lugar, aqui, para desdobrar o problema, até porque estamos nos mantendo nos limites sugeridos pelo material objeto desta apresentação e a ser lido nas páginas seguintes, é perceptível uma linha de argumentos marcada pelo termo descontinuidade quando se está diante da educação formal: há claros desencontros entre as culturas sociotécnicas, a aceleração social do tempo, o encurtamento dos espaços que acompanham, em sentido amplo, os processos de comunicação e as práticas de ensino aprendizagem correntes nas escolas. E isso a despeito de o computador, a internet, a televisão, o rádio, as mídias locativas, enfim, a pluralidade dos dispositivos e suas mensagens que circundam a vida cotidiana dos professores e dos alunos, estarem produzindo singularidades e particularidades à educação formal que escapam a determinadas circunscrições escolares.

O mundo real das salas de aula não articula, necessariamente, as demandas postas pelas sociabilidades dos jovens e adolescentes, e mesmo de boa parte dos docentes, e as dinâmicas didáticas e pedagógicas das salas de aulas. Daí resulta

que a vida cotidiana, cada vez mais conectada aos dispositivos tecnológicos, encontra pouca continuidade junto às expectativas pessoais de alunos e professores, desejosos, em boa medida, de promover convergências entre os ensinamentos propedêuticos e as novas formas de ser, estar e conhecer. Em um termo, parece que estamos frente a instâncias pouco vinculadas, malgrado existir acerca dos nexos da comunicação com a educação uma retórica de aproximações cujo mecanismo de enlevação apenas serve para esclarecer a intensidade da fratura.

O fato é que a crescente abrangência dos mediadores tecnocomunicativos trouxe consigo uma série de dispositivos com forte atuação nos processos culturais. Em especial para o que vem sendo chamado de “ecranização”, ou, da criação do “homo ecranis”, conforme formulado por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy¹, em uma criativa *boutade* referida ao “homo sapiens”. Vale dizer, as telas, inicialmente do cinema e depois da televisão — que nas décadas de 1970 e 1980 era um dispositivo dominante no interior da indústria cultural — iriam configurar ou reconfigurar manifestações e comportamentos dos diferentes grupos sociais. Em período aproximado entre os anos 1930 e finais do século XX, a característica dominante das imagens em circulação pelo cinema ou televisão tinha marcas próprias, visto serem geradas em contexto de mensagens unidirecionais, que transitavam em pista única da produção para a recepção. A segunda onda da “ecranização”, algo que irá se afirmar a partir das quadras finais do século XX — agora sob a égide dos sistemas digitais, da internet, da integração de mídias, da transmediatização —, provocou as conhecidas alterações nos fluxos de produção, circulação e recepção das mensagens. Isto é, os antigos mecanismos de trânsito de mensagens baseados no *one steep flow of communication*, ou mesmo no *two steep flow of communication*, foram sendo enfraquecidos graças às possibilidades abertas pelas linguagens digitais, pela internet, pelo telefone celular, no contexto da sociedade em rede; o produtor do discurso pode estar em qualquer lugar e alterar a estrutura das mensagens em circulação. É uma realidade cifrada pelas múltiplas telas, cuja estrutura conectada pelos fluxos digitais se organiza como “web-mundo”²; daí o aparecimento do “*self media*”³, em lugar do “*mass media*”.

Um dos problemas ainda persistentes na educação formal é que ela continua presa a mecanismos de transmissibilidade pouco afeitos ao modo de os jovens verem, pensarem e agirem diante da realidade na qual vivem. Se tais marcadores culturais estão enlaçados por fenômenos que envolvem aceleração temporal, profusão informativa, mosaicos difusos de experiências, individualismo, acenos consumistas, é algo a ser considerado e debatido no fogo vivo das ações educativas que não temem a alteridade.

ARTIGOS NACIONAIS

Os dois primeiros artigos nacionais estão voltados à análise de diretrizes, seja no afeito às questões curriculares seja no expresso pelo Plano

1. LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A Cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

2. Idem, p. 77.

3. Idem, *ibidem*.

Nacional de Educação, que possuem impactos significativos para a vida da escola básica brasileira. Ismar de Oliveira Soares discute, em “A educação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico”, a proposição em andamento junto ao MEC para fixar parâmetros orientadores dos programas escolares, e como pode fazer parte deles reflexão mais detida sobre as interfaces comunicação e educação. Por sua vez, Luiz Fernandes Dourado, no artigo “Formação de profissionais do magistério da educação básica: novas diretrizes e perspectivas”, promove, à luz do Plano Nacional de Educação, análise das novas propostas para o sempre importante problema da formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica.

Em “O Programa Mais Educação e a crítica da mídia: desafios e potencialidades”, Ricardo Fiegenbaum e Eduarda Schneider Lemes, apresentam experiências realizadas em unidade educativa da cidade de Pelotas (RS), tendo o Jornal Escolar como instância interativa dos alunos com os meios de comunicação, mecanismo por meio do qual é possível tanto melhorar as atividades em sala de aula quanto permitir o debate sobre o próprio lugar da mídia na vida social.

O artigo de Ariane Porto Costa Rimoli, “O mundo da comunicação e o mundo da criança”, segue em linha próxima ao anterior, voltado que está ao entendimento das possíveis convergências entre universo das crianças e o das mídias.

Finalizando o bloco de artigos nacionais, Vera de Fátima Vieira, em “Educação pela cidadania das mulheres”, promove inovadora consideração acerca das possibilidades oferecidas pela revolução tecnológica e pela Educação tendo em vista a implantação de novas estratégias que mais bem contemplem os propósitos da agenda feminista.

ARTIGO INTERNACIONAL

David Buckingham é um dos mais importantes pesquisadores da atualidade no campo da educação para os meios. Professor do Instituto de Educação da Universidade de Londres, Diretor do Centro de Estudos de Crianças, Jovens e Mídia. Coordenou vários projetos internacionais envolvendo interações dos jovens com os dispositivos eletrônicos. Atua como consultor para organismos como a Unesco, além de desenvolver, junto a instituições inglesas, trabalhos com escolas, crianças e famílias. É autor de obras fundamentais para se entender os vínculos mídia e educação. Tem colaborado com a *Comunicação & Educação*, publicando artigos em outros números da nossa Revista. Em “A evolução da educação midiática no Reino Unido: algumas lições da história”, Buckingham mostra como, ao longo de mais de duas décadas, os currículos escolares vêm dialogando com os desafios da comunicação e aponta para alguns obstáculos surgidos na implantação desse processo.

GESTÃO DA COMUNICAÇÃO

O artigo “Desafios e possibilidades educacionais na produção editorial e na mediação de livros-aplicativos”, de Samira Almeida Pinto, é baseado em monografia para obtenção do título de especialista em Educomunicação cuja defesa ocorreu em 2015, orientada pela professora doutora Maria Cristina Castilho Costa. Descreve desafios e oportunidades experimentados por profissionais da cadeia de produção e difusão do livro infantojuvenil diante da emergência de inovações no suporte de leitura (agora eletrônico) e na linguagem (agora hipermídia).

ENTREVISTA

A nossa entrevistada para este número apresenta uma rica e longa jornada de trabalhos no campo da educação. Selma Garrido Pimenta, foi Pró-Reitora de Graduação da USP, é docente titular sênior (aposentada) da FE-USP, e professora assistente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos. Coordena o GEPEFE — Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação do Educador, junto ao programa de Pós-Graduação em Educação — FE-USP. Trata-se de uma das mais respeitadas estudiosas da educação brasileira e tem expressado clara defesa da escola pública de qualidade. A sua entrevista contém, entre os vários aspectos abordados, uma profícua análise das propostas envolvendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica, permitindo um interessante diálogo com os artigos de Ismar de Oliveira Soares e Luiz Fernandes Dourado. A entrevista foi conduzida e editada pela jornalista e professora doutora Cláudia Nonato.

CRÍTICA

O artigo “A violência doméstica representada na telenovela *A regra do jogo*”, assinado pela professora doutora Maria Aparecida Baccega e pela mestre Maria Amélia Paiva Abrão, explora o problema das agressões sofridas pelas mulheres e como tais práticas ainda permanecem, a despeito dos avanços legais como os contidos na Lei Maria da Penha. As autoras dedicam-se a discutir como o gênero telenovela vem contribuindo para colocar na ordem do dia o debate sobre a violência contra a mulher, abrindo espaços para promover mudanças no modo de a sociedade tratar o problema.

DEPOIMENTO

Seção destinada a recolher histórias de vida, experiências, percursos de trabalho em comunicação e educação, traz, sob o título de “Educar ao

sonho, transformando a realidade”, o depoimento de Paulo Lima. Fundador e diretor executivo da ONG Viração Educomunicação, o jornalista nos conta a sua trajetória como educador cuja preocupação central está voltada à emancipação de crianças e adolescentes. E, nesse sentido, indica a contribuição que pode ser dada pela comunicação quando inter-relacionada com a educação.

EXPERIÊNCIA

Esta edição traz a experiência educativa do Laboratório de Crítica de Mídia do Amazonas (Lacrima), relatada pelo professor doutor Rafael Bellan Rodrigues de Souza. O artigo “Um observatório de imprensa na Amazônia: o papel educativo do Lacrima” debate o papel dos observatórios de imprensa na formação da audiência ativa a partir de uma aprendizagem não escolar, por meio dos observatórios críticos de mídia.

POESIA

O professor doutor Arlindo Rebechi Junior selecionou alguns poemas escritos pelo português Rui Torres. Realizador de textos que fazem uso das linguagens digitais, Rui Torres é conhecido pela produção da chamada poesia hipermídia. Por ter a sua obra ainda pouco divulgada no Brasil, a organização e apresentação de Arlindo Rebechi Junior representa uma contribuição no sentido de apresentar ao público brasileiro a obra inovadora de Rui Torres.

RESENHAS

Nesta edição, o livro *A tolice da inteligência brasileira*, do sociólogo Jessé de Souza, é resenhado por Rafael Grohmann. A obra incorpora reflexões sobre a realidade brasileira a partir de uma perspectiva fecunda para o debate intelectual envolvendo temas sobre a nossa formação e as linhas de força que buscam explicá-la, a exemplo de Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, Roberto da Mata. Coube a Lucas Martins Néia comentar o livro *Por uma teoria de fãs da ficção brasileira*. A obra resulta de pesquisas levadas a termo por investigadores da rede Obitel Brasil, tendo como desafio central a expressão da cultura fandom na teleficção brasileira. Maria Ignês Carlos Magno dedicou-se a discutir o filme *Que horas ela volta?* (2015), dirigido por Anna Muylaert. A película teve um grande sucesso de crítica e público. Maria Ignês faz uma estimulante proposta de compreensão da obra de Muylaert categorizando-a como crônica cinematográfica.

ATIVIDADES EM SALA DE AULA

Ruth Ribas Itacarambi propõe atividades de trabalho para serem realizadas em sala de aula com alunos do ensino fundamental e médio, a partir de artigos publicados neste número da nossa revista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Cultura-mundo:** Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2008